

A MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E ENSINO de HISTÓRIA*

Marc Ferro

O tema previsto para a conferência era *A Mídia, novas tecnologias e Ensino de História*. E o que isso quer dizer? Isso quer dizer que é preciso cruzar os elementos da técnica para a confecção da história. Quais são os centros de fontes para a nossa compreensão do mundo? Logo de saída, temos os conhecimentos que adquirimos na Escola e na Universidade. Mas esse conhecimento da escola e da universidade é bastante parcial, mesmo para os especialistas em história. Aquele que é especialista na História do Brasil não conhece a história do Japão. Quem conhece e ensina a língua inglesa não conhece a língua russa. Aquele que conhece história conhece mal a literatura e assim sucessivamente.

Temos então uma fragmentação do saber, do conhecimento. Na Universidade isso é ainda mais dramático; porque os especialistas de história, por exemplo, uns conhecem mais a demografia, outros a economia, ciência política e cada um se fecha no interior de suas disciplinas e a partir dessa pequena disciplina eles querem explicar tudo. Existe, assim, o imperialismo das disciplinas. Esse é o primeiro conjunto de conhecimento que temos.

O segundo conjunto de conhecimentos nós adquirimos por meio da imprensa escrita. Mas se observarem todos os jornais dos países do mundo todo, poderão perceber que eles são organizados sempre da mesma maneira. Naturalmente, a primeira página noticia os acontecimentos do dia, os principais. Mas nas páginas seguintes eles particularizam: uma página sobre a política interior, uma página sobre política exterior, outra sobre economia, esporte, etc. As diferentes páginas dos jornais correspondem às diferentes práticas dos governos, Istoé, economia, justiça, religião, política interior e assim as diferentes

* Conferência proferida pelo Prof. Dr. Marc Ferro na abertura do V Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História – V ENPEH –, realizado em João Pessoa/PB, em 09 de outubro de 2001.

esferas da sociedade: esporte, música, etc. Todos os jornais do mundo são organizados dessa maneira.

Mas essa classificação não corresponde à classificação das universidades e do mundo das escolas. É por isso que quando a gente quer ensinar história utilizando os jornais é possível uma vez, duas vezes, mas não de forma seguida, pois os jornais se prendem a questões imediatas.

A terceira fonte de informação que nós temos é a televisão. Mas também na televisão temos categorias especiais: o informativo (telejornais), os magazines, as charges, o cinema e assim por diante. Mas se quisermos compreender bem uma informação, o jornal não pode nos explicar porque ele dura somente 3 ou 4 minutos. Um magazine sobre o mesmo assunto só aparecerá 8 dias depois ou, pelo menos, 3 horas depois e assim não poderemos confrontar a informação e a realidade.

Uma quarta fonte de informação é o cinema. Mas o cinema dificilmente aborda as questões perigosas. O cinema aborda problemas psicológicos perigosos, mas raramente os problemas políticos perigosos; problemas morais são muito tratados: por exemplo, a questão da responsabilidade; por exemplo, em Elia Kazan, a questão da denúncia. Mas, com certeza, o cinema nos ajuda a compreender as nossas atitudes na sociedade. Mas o cinema não nos ajuda, não nos ensina a compreender os grandes problemas políticos. Ou então, trata-se de um cinema politicamente orientado, como, por exemplo, o de um dos grandes cineastas americanos, Stanley Kubrick, que estuda questões ligadas a escândalos políticos. Se nós nos identificamos com essas palavras de ordem revolucionárias e políticas nós vamos gostar de Kubrick. Mas isso representa apenas 50 % da população. Isso não nos traz uma explicação porque existem sempre 50% da população que não têm a mesma opinião. Um exemplo: nos filmes de Kubrick nós vemos sempre os abusos de oficiais contra os soldados, durante a guerra notadamente. Mas se os soldados tivessem conhecido esse tipo de conflitos anteriormente, não teria existido fascismo, porque, durante o fascismo, os oficiais e os soldados estavam juntos. Assim Kubrick faz filmes que agradam gente de esquerda e assim lhe dá boas razões para não se encontrar satisfeita, mas não nos explica porque ocorreu o fascismo.

E assim estava preparando essa conferência para vocês quando recebi um telefonema do meu amigo Jorge Nóvoa e, naturalmente, ele sempre me liga às três horas da manhã porque ele

trabalha até muito tarde e esquece que existem cinco horas de diferença entre o Brasil e a França. E assim, ele me telefonou antes-de-ontem; ele me perguntou: você está com o bilhete de passagem ? tudo está bem? Todo mundo te espera.

- Bravo! É tudo que você tem a me dizer às três horas da manhã?
- Escute, escute: chame a atenção sobre a situação atual, na sua conferência, porque, seguramente, isso vai interessar a gente do Brasil.

Aí eu entendi alguma coisa. Nóvoa é um grande pedagogo. Porque se eu começasse a falar para vocês, agora, da colonização ou das igrejas do Brasil, comparadas às igrejas de Portugal, isso seria muito interessante mas vocês têm necessidade, realmente, de saber um pouco sobre o que está acontecendo.

E é por isso que eu vou falar sobretudo das mídias em relação aos últimos acontecimentos. E assim eu tomei a liberdade de mudar completamente o tema da conferência. Oh! Desculpe: eu não mudei completamente o tema, eu mudei apenas os exemplos.

Então o que vamos fazer? Nós vamos examinar as imagens que vimos há vários dias e refletir um pouco sobre o significado dos acontecimentos a partir dos quatro centros dos quais lhes falei: o que foi dito nas escolas e nas universidades, nos jornais, no cinema e na televisão.

O resultado é uma catástrofe. Porque vocês compreenderam que vocês não compreenderam nada dos acontecimentos. Vocês viram bem o que aconteceu, naturalmente; vocês viram as torres que desabaram, vocês entenderam que se trata de uma vingança de uma parte da opinião muçulmana, mas o acontecimento fantástico do World Trade Center surpreendeu completamente vocês, naturalmente, porque pela primeira vez os Estados Unidos se mostraram totalmente vulneráveis, mas sobretudo porque nós não compreendemos por que isso pode acontecer da maneira que aconteceu.

Não é a primeira vez que a gente se coloca diante de um evento que não se compreende. Outro acontecimento que ninguém compreendeu, no mundo ocidental, foi a revolução iraniana de 1979, a revolução com Khomeini.

Esses acontecimentos, a queda do xá do Irã, surpreenderam todo mundo. Nenhum jornal pode explicar realmente o que acontecia, porque nós temos na cabeça esquemas históricos e agente chama isso

ideologia (algumas vezes, mas não sempre). Algumas vezes trata-se de um esquema anterior à ideologia.

Qual é o nosso esquema de revolução no mundo ocidental? Nossa visão de revolução, por exemplo, a Revolução Francesa de 1789 ou a revolução européia de 1830, ou a de 1848, também na Europa, tem sempre o mesmo esquema: temos sempre, de um lado o rei e a igreja e do outro lado a burguesia progressista. Acontece que no Irã tratava-se de outra situação, de outro esquema. De um lado encontrava-se a igreja e a burguesia frente ao xá, que era um modernista. E, assim, a Igreja mais a burguesia contra o rei era alguma coisa que não dava para entender.

E assim são os esquemas que a gente aprendeu nos jornais, nas escolas, na universidade que nos impedem de ver claramente os acontecimentos.

A segunda imagem que devo tratar com vocês, agora dos acontecimentos de Nova York, é que não vimos imagens de mortos. A gente não viu homens morrerem.

A gente viu, na verdade, cenas de pessoas desesperadas pularem das janelas; a gente não as estava vendo de perto. As imagens são mostradas de longe. Imagens como essas eu só conheço um único exemplo em toda a filmografia mundial. Foi durante a Primeira Guerra Mundial, quando um encouraçado austríaco foi destruído no Mar Mediterrâneo. A gente vê o navio que vira e vê pessoas desesperadas pendurando-se nas bordas do navio e mesmo assim o navio continua virando e elas escorregam e se afogam no mar. É o único exemplo de imagem de pessoas no ato de morrer. Nós temos muitas imagens de mortos, mas pessoas já mortas.

Isso é algo muito interessante porque pertence à tradição cristã. Quer dizer, na verdade, aquilo que nós somos nunca está a caminho da morte, morrendo. Eu descobri essa verdade há alguns anos, num pequeno vilarejo francês. Havia um cemitério com uma placa: “*Aqui matamos 10.000 cavaleiros teotônicos*”. Isso ocorreu no século XIII e a placa foi escrita no século XVI, e assim eu fui observar como 15.000 cavaleiros teotônicos puderam correr nesse vilarejo. Esse episódio referia-se a uma Cruzada – a Cruzada dos albigenses – e, na verdade não foram 15.000; ocorreram, na verdade 30 ou 40 mortes, não mais do que isso. E durante a Cruzada, nas memórias das cruzadas é contado que os católicos e os cristãos eram atingidos por espadas de todos os lados, dos árabes, e, depois, quando os corpos eram transportados e mostrados não eram encontradas as feridas.

Quer dizer, quando nós encarnamos o bem nós podemos estar mortos mas nós não podemos morrer. É por isso que nós não encontramos nunca imagens dos nossos mortos morrendo, nem durante a Primeira Guerra Mundial, nem durante a Segunda Guerra Mundial, e todas as imagens das duas guerras mundiais nunca mostram pessoas morrendo, salvo reconstituições, salvo os japoneses; japoneses que não são do nosso sistema cultural. E quem são os japoneses que a gente vê morrer? São os kamikazes, justamente os kamikazes que nós temos em Nova York hoje.

O que eu quero dizer é que essas imagens se associam ao discurso de George Bush, quer dizer: nós somos o bem, eles são o mal. Trata-se de uma cruzada, como já existiram tantas.

Os alemães diziam: Deus está conosco e os franceses diziam Deus está conosco e George Bush também diz: Deus está conosco. E Bin Laden disse, também, a mesma coisa: “*eu declaro a guerra santa contra os Estados Unidos*”. Ele disse isso em maio de 1996. Vocês viram isso nos jornais? Não. Também não na televisão. Os professores lhes disseram? Não. E assim a gente está numa zona sombria onde não se pode obter as informações.

A terceira imagem é um conjunto de imagens. Ocorreram muitas mortes depois de 10 anos de atentados terroristas. Ocorreram mais ou menos 1300 mortes durante 20 anos. E dentre esses mortos existem 300 ou 400 europeus e mais, portanto, os mortos de 11 de setembro.

Vou tentar lembrar para vocês as imagens que a gente viu durante esses atentados.

Atentados em Teerã, em 1980, atentados contra os soldados americanos no Líbano e também ocorreu o atentado ao World Trade Center, em 1990; e houve a matança em um hotel no Egito, em Luxor; houve também um atentado na Arábia Saudita, em Riad, em 1995. Quero dizer, houve tantos outros atentados e a gente não consegue compreender o significado desses atentados. Claro, vocês entenderam que se trata de atentados mais ou menos contra os americanos, anti-americanos. Mas há diferenças com relação aos atentados que a gente viu na Palestina. Porque na Palestina os atentados cometidos contra os israelenses têm objetivos claros; isto é, a gente sabe o que querem os palestinos, a gente sabe o que querem os israelenses, mas a gente não sabe porque aconteceu o atentado de Teerã e a gente continua sem saber porque aconteceram esses atentados no mundo.

Ou seja: o que existe de novo nessa história é que aqueles que cometem os atentados se organizam para que agente não compreenda a origem desses atentados. Um dia os americanos dizem que isso vem do Irã, do Irã xiita, que é uma das duas principais religiões muçulmanas; e outro dia os americanos dizem que isso vem do Iraque e assim eu chamo a atenção de vocês para o fato de que o Irã é um país xiita, mas que o Estado iraquiano é laico. Em outros momentos as informações dizem que isso vem dos irmãos muçulmanos ou da jihad islâmica e outros dizem que isso vem de Bin Laden e assim se cria uma incerteza geral e vocês já observaram isso. Vocês observaram que não foi o Iraque, nem o Irã ou a jihad islâmica que os americanos atacaram. Eles atacaram o Afeganistão, porque eles pensam que Bin Laden está na origem de todos esses acontecimentos. Agora analisemos um pouco Bin Laden.

Quarta imagem. Vocês viram anteontem nas imagens da televisão: há duas principais imagens de Bin Laden. As mais antigas, veiculadas pela CNN, quer dizer, o monopólio da informação no mundo ocidental, ou então pela Rádio de Katar – um pequeno estado árabe.

O que nos mostram essas imagens: Bush a gente sempre vê junto com seu Estado Maior, nos Estados Unidos; com seus conselheiros, etc. E depois nós vemos o exército americano treinando e então Bin Laden; a gente o vê num deserto de pedras, sozinho. Como um nômade ou, talvez, numa sala de uma pequena casa, sobre um leito muito simples com um tapete árabe por terra, como um pobre camponês e, no entanto, ele é bastante rico. Ele tem palácios, etc. Foi a mesma atitude que Lênin adotou, quando a gente observa as imagens dele, sempre em uma pequena sala, como homem simples e, no entanto, ele era de uma família abastada; não dizemos que ele era como Bin Laden, mas ele pertencia à burguesia. Então a imagem que nos é apresentada de Bin Laden tem intenção de mostrar que se trata de um homem pobre, que está sozinho; busca-se colocar nele uma identidade, identificando-o com o mundo árabe islâmico contra a tecnologia, contra modernidade, contra o mundo ocidental, contra a América, naturalmente.

Mas não só contra a América, pois sabemos que ele fez a guerra no Afeganistão contra a União Soviética. A URSS era uma nação caracterizada pelo ateísmo e pelo socialismo enquanto a América assinala-se pelo liberalismo e pela civilização ocidental cristã. Porque não há Estado mais cristão do que os Estados Unidos;

existem muitas seitas e todas as religiões cristãs e o Presidente jura a Constituição com a mão sobre a Bíblia. Portanto, os Estados Unidos são a encarnação da civilização cristã, do dinheiro e da tecnologia. E é contra isso que Bin Laden se coloca, vocês o compreendem bem.

Mas isso vocês entenderam sozinhos; o que eu quero lhes colocar é por que os americanos polarizam toda a raiva deles contra Bin Laden. Porque, de fato, a luta islâmica não é uma luta centralizada, dirigida por Bin Laden. É uma luta descentralizada, com vários grupos, que estão em conexão. Na França a gente diria uma nebulosa, quer dizer, um conjunto difuso e, diante desse conjunto difuso, Bush se encontra como um cowboy e atira à direita e à esquerda, mas com uma venda sobre os olhos. Ele diz: "*Bin Laden, Bin Laden*"! Mas a realidade é bastante diferente, porque nós todos sabemos que é o Paquistão que ajuda Bin Laden e é também a Arábia Saudita. Ora, o Paquistão e a Arábia Saudita são os dois principais aliados americanos. O Paquistão contra a Índia e contra a Rússia e a Arábia Saudita por ser o país do petróleo, depois que o Presidente Roosevelt encontrou Ibsud, em 1945.

Ou seja, a questão que eu quero colocar para vocês é por que os americanos não dizem que é o Paquistão que alimenta Bin Laden; também não dizem que é a Arábia Saudita que financia todos os terroristas. Esse dinheiro vem da Arábia Saudita. Trata-se de compreender por que existe essa polarização sobre Bin Laden. Naturalmente Bin Laden é uma espécie de líder coordenador. Naturalmente os americanos colocam Bin Laden no centro, de certa forma, para obscurecer sua responsabilidade no Oriente Médio, porque eles pretendem esquecer que o Paquistão e a Arábia Saudita ajudaram Bin Laden e não os americanos, e por que? Contra a União Soviética, durante a guerra do Afeganistão. Portanto, trata-se de uma maneira de dizer que os americanos nutriam o islamismo contra o comunismo e hoje eles não compreendem por que os seus aliados se voltam contra eles.

A quinta imagem que eu quero comentar com vocês é o conjunto das imagens que vocês viram: os americanos atônitos diante dos acontecimentos. Naturalmente a vulnerabilidade do território americano é uma realidade agora trágica. E o crime cometido por Bin Laden e os islâmicos é fantástico e a técnica do crime, com mártires, é algo totalmente novo, algo completamente imprevisto; mas isso explica o sucesso da operação, isso não explica as causas da operação e, portanto, os americanos não compreendem nada do que se passa,

salvo dois ou três especialistas que compreenderam bem a mecânica dos islâmicos ajudando os americanos contra a União Soviética, mas não compreenderam o que está acontecendo. Por que?

Nos Estados Unidos, vocês sabem bem, existe uma grande liberdade da informação interior. Foi o que se viu no caso Clinton. Nunca se viu um Presidente da república de qualquer país do mundo perseguido publicamente porque fez amor no seu gabinete. Portanto, trata-se de uma grande liberdade de ataque interior, mas nunca quando se trata de um problema exterior.

Existe na América uma espécie de União Sagrada; não existe povo no mundo mais solene diante dos símbolos nacionais (bandeira, etc). Se na França me vêem fazendo um discurso e se eu coloco do lado direito a bandeira francesa, eu serei tratado como ridículo para sempre. Na França existe, portanto, uma crítica ao nacionalismo muito aguda, na Alemanha também, na Itália também, mas jamais nos Estados Unidos.

Para os americanos eles têm sempre razão e são inocentes; eles não compreendem e tudo que eles fazem é normal. Eles não são, de fato, informados das coisas. Ainda há pouco eu disse que vocês também não estavam informados nem pelos seus professores (desculpem-me os professores), nem pelos jornais, nem pela televisão. Porque vocês não puderam obter dessas fontes os elementos de inteligibilidade do problema.

Mas vocês, no Brasil, são cinquenta vezes melhor informados que os americanos que não conhecem mais do que a si mesmos. Eles têm um narcisismo político fantástico! Eu ensino em Chicago, durante dois meses; eu queria escutar as informações; liguei a televisão e ouvia anúncio de notícias de outros estados. Eu pensava que os outros estados seriam França, Japão ... não, os outros estados eram Minesota, Dakota, outros. E assim, eles vivem num estado de não informação absoluta, salvo os “scolars” que praticam as disciplinas específicas e alguns especialistas e, assim, se explica que os americanos continuam pensando ainda em termos de guerra fria, e, o mais importante, eles continuam a acreditar em razão de estado. Eles dizem: é responsabilidade do Iraque; é responsabilidade do Irã, do Afeganistão. Mas não é nada disso: é muito mais complicado, porque no mundo muçulmano os estados são uma formação provisória – existem coisas mais importantes – que o islamismo quer destruir. O islamismo quer destruir o Estado para construir a *umma*, ou seja, a comunidade

Eu tenho, ainda, duas imagens para comentar com vocês e espero que, na seqüência, a gente possa compreender melhor o que esta acontecendo.

Vocês viram ontem, nos noticiários da televisão, manifestações no Paquistão contra a política do governo, contra o Estado, portanto, e os manifestantes tinham bandeiras; algumas bandeirolas tinham inscrição em inglês e, notadamente, estava escrito: os verdadeiros terroristas são os americanos; mas isso é bem compreensível. O que é mais interessante é que havia um manifestante que tinha uma bandeira americana em que as estrelas correspondentes aos estados dos Estados Unidos não eram azuis e sim verdes. A idéia subjacente é que os Estados Unidos podem vir, um dia, a se tornarem um estado islâmico. Claro, é um mito; mas é, contudo, muito interessante ver essas estrelas verdes representando os estados dos Estados Unidos. Isso mostra muito bem o que os islâmicos têm na cabeça.

Eu tenho um segundo exemplo: faz dois anos que eu estive no Marrocos e estava fazendo uma conferência para os estudantes da Universidade de Gusda, uma grande universidade. Quando eu fui embora para pegar o avião, um jovem colega me encontrou e colocou no bolso do meu paletó, de presente, um livro que ele pediu que eu só lesse na França. Eu olhei esse livro; o título era Islamizar a modernidade e não modernizar o Islã, era o contrário, eu bem entendi tudo; mas eu não prestei muita atenção. Faz oito dias eu re-encontrei esse livro, ao acaso, na minha biblioteca, e retirei esse livro e olhei a imagem da capa: era o livro que me deram há dois anos. O que mostrava a imagem? O World Trade Center construído com números: 1, 2, 3, 4, 5, etc. Uma construção abstrata do World Trade Center e, acima dele, o Crescente, o símbolo muçulmano, e atrás o globo. A idéia seria, pouco a pouco, islamizar a modernidade, o capitalismo, portanto, a tecnologia moderna. Desse modo vocês compreendem que Bin Laden e os outros estão na vanguarda da tecnologia, estão também, portanto, na vanguarda do capitalismo, porque, como eu disse a vocês, ele está protegido por forças econômicas, financeiras, bastante potentes e, portanto, a gente começa a entender que os objetivos que não estão ditos são objetivos globais, gerais, de uma transformação do mundo.

Nós podemos julgar que esses objetivos são utópicos, absurdos, etc. Mas não podemos jamais pensar dessa maneira, porque quando ele disse “*eu declaro a guerra aos Estados Unidos*”, os jornais

e a mídia, de um modo geral, julgaram isso utópico e, por isso, eles não comunicaram essa informação e a gente pode dizer que o islamismo conseguiu uma vitória contra os Estados Unidos.

É preciso fazer um *flashback* histórico para compreender a profundidade da cólera contra os Estados Unidos. Nós temos uma visão eurocêntrica da história; para nós uma grande reviravolta da história, por exemplo, foi a conquista da América e, assim, a partir do século XVI, nossa visão de mundo mudou de objetivo. Até o século XVI tínhamos os olhos fixados no Mediterrâneo, depois do século XVI nossos olhos se viraram para o Atlântico. Essa é a grande epopéia que Braudel mostrou há cinquenta anos. E assim, pelo hábito de olhar o Atlântico, e depois o Pacífico, nós esquecemos o que se passava nos países do Leste.

No Leste, no século XVI, existiam três grandes impérios muçulmanos: o Império Otomano, o Império Persa, com os xás, e o Império Mongol, na Índia. Existia, assim, um imenso bloco de potências e diante dele os estados europeus tinham muito pouca coisa a contar e, pouco a pouco, a relação de força mudou. Esses três impérios explodiram e a Europa fez imensos progressos técnicos. Ocorreram as colonizações: pelo norte os russos e depois os ingleses a leste e os franceses a oeste; a potência geral do Islã desapareceu e nos séculos XVIII e XIX o Islã julgou que ele devia se reformar. Assim as idéias da Revolução Francesa foram colocadas em causa, de novo. Ocorreu um cruzamento entre as idéias do Islã e as idéias laicas; o Islã começou a se modernizar, como disse para vocês há pouco.

O reformismo muçulmano demorou muito tempo porque durante o momento da Revolução Russa ele se tornou revolução, porém, uma revolução tártara, não árabe, não turca. Mas Stalin estrangulou esse movimento e, assim, esse reformismo não teve sucesso satisfatório. O Islã se tornou nacionalista e assim um certo número de países muçulmanos se tornaram nacionalistas; o nacionalismo se casou com a Revolução Francesa e com a laicidade e assim se explica o que ocorreu na Tunísia e no Egito. Os muçulmanos entreguistas são contra esse nacionalismo laico e são eles que vão assassinar Sadat e antes mataram Nasser.

Esses grupos nasceram entre 1920 e 1940, contra o nacionalismo árabe, contra o nacionalismo iraniano, etc, etc, e mesmo contra o nacionalismo argelino e, assim, todos esses nacionalismos fracassaram, apesar da independência. Esse fracasso foi muito mal assimilado pelas populações ex-colonizadas. Isso é o que se chama

resultado da mundialização. Existe uma identificação entre mundialização e americanização.

Não esqueçamos que, hoje, 40% das multinacionais dão dirigidas pelos americanos. Existe, portanto, um ressentimento muito violento em todos os países que esperavam se tornar modernos e prósperos e eu acredito que na América Latina se tem o mesmo sentimento contra esse neocolonialismo econômico pós mundialização. Mas, atenção, esse neocolonialismo é laico. Contrariamente o islamismo se pretende muçulmano e quer lutar contra os estados laicos muçulmanos e contra os estados laicos cristãos.

Assim sendo, o islamismo é o resultado da fúria contra o fracasso da independência nos países muçulmanos. Assim vou terminar agora, me perguntando por que os americanos pagam à Arábia Saudita e também ao Paquistão. Porque esses países mantiveram-se religiosos contrariamente aos países nacionalistas muçulmanos laicos e semilaicos como Iraque, Síria, etc., que são países também nacionalistas mas com um grau de democracia. Trata-se de nacionalismo democrático e, talvez com um grau de socialismo. Assim, a América luta contra esses países que querem modernizar o Islã e ela se dispõe a ajudar os países que quiserem islamizar a modernidade, porque os países que querem somente modernizar o Islã são um pouco democratas, um pouco nacionalistas, portanto, constituem uma resistência a mundialização; um pouco socialistas e, portanto, um pouco revolucionários e a América é sempre contra todas as revoluções.

Agradeço vocês.